

volume

24/1

Agosto/2018

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônomicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adeliir José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Magno Santos | Fernando Ripe

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2018/1

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.24/1, (ago. 2018). – Pelotas: Editora da UFPel, 2018.

1v.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat

Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

[e-mail: ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

*** Obra editada e publicada em agosto de 2018**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE HISTÓRIA: TEMAS, FONTES E PROBLEMATIZAÇÕES

HISTORY OF EDUCATION AND HISTORY TEACHING: THEMES, SOURCES AND PROBLEMATIZATIONS **06**

Magno Santos | Fernando Ripe

A ESCRITA E O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XIX E A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NAS LIÇÕES DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

THE WRITING AND TEACHING OF HISTORY IN THE NINETEENTH CENTURY AND THE REPRESENTATION OF INDIGENOUS IN LESSONS OF JOAQUIM MANUEL DE MACEDO **10**

Martha Victor Vieira

AS REPRESENTAÇÕES DO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO NA IMPRENSA LOCAL PELOTENSE DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE REPRESENTATIONS OF THE ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO IN THE LOCAL PRESS PELOTENSE DURING THE FIRST HAL OF THE XX TH CENTURY **33**

Jeane dos Santos Caldeira | Jezuína Kobls Schwanz

IMAGENS DAS OFICINAS PROFISSIONALIZANTES SALESIANAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1910-1960).

IMAGES OF SALESIAN PROFESSIONAL WORKSHOPS IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS (1910-1960). **51**

Hardalla Santos do Valle

A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE A NORMALIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DA REVISTA CARETA (1914-1918)

THE FEMALE EDUCATION BETWEEN NORMALIZATION AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES OF CARETA MAGAZINE (1914-1918) 72

Fernanda C. Costa Frazão

DA MATERIALIDADE AO CONTEÚDO: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM MATERIALITY TO CONTENT: ANALYSIS OF THE DIDACTIC MATERIAL OF THE BRAZILLIAN LITERACY MOVEMENT 102

Leide Rodrigues dos Santos

“EDUCAR É CONSTRUIR PARA O INFINITO”: ANÁLISE DOS DISCURSOS TRANSFORMADORES RELATIVOS À REFORMA DE 1971 NOS EDITORIAIS DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974)

"EDUCATION IS BUILDING FOR THE INFINITE": ANALYSIS OF THE TRANSFORMING SPEECHES RELATED TO THE REFORM OF 1971 IN THE EDITORIALS OF THE REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974) 121

Simôni Costa Monteiro Gervasio | Alessandro Carvalho Bica

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEACHING OF HISTORY AND EDUCATIONAL PRACTICE: THE CHALLENGES OF TEACHERS IN ELEMENTARY SCHOOL 145

Helena Gouveia da Silva Oliveira | Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo | Renato Pinheiro da Costa

**NAS VOLTAS QUE A FORMAÇÃO EM HISTÓRIA DÁ: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTAR COORDENADOR PEDAGÓGICO NA
REDE BÁSICA DE ENSINO**

THE TURNS THAT THE GRADUATION IN HISTORY GIVES: A REPORT OF
EXPERIENCE ON THE STUDENT PEDAGOGICAL COORDINATOR IN THE
BASIC NETWORK OF TEACHING

170

Felipe Nóbrega Ferreira

AS REPRESENTAÇÕES DO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO NA IMPRENSA LOCAL PELOTENSE DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE REPRESENTATIONS OF THE ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO IN THE LOCAL PRESS PELOTENSE DURING THE FIRST HAL OF THE XX TH CENTURY

Jeane dos Santos Caldeira¹
Jezuína Kohls Schwanz²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar, a partir das representações encontradas nos jornais, alguns aspectos da história do Asilo de Órfãs São Benedito fundado em 1901, na cidade de Pelotas/RS. O asilo tinha como propósito acolher e amparar da miséria, dar instrução primária e religiosa às meninas desvalidas da região. Para o estudo das representações em torno dessa instituição, foram analisadas uma série de reportagens do jornal local *A Opinião Pública* fundado em 1896, com circulação até 1962. Ao que tudo indica, o jornal pesquisado atingiu um grande público leitor, inclusive dos grupos populares pelotenses. Seus exemplares podem ser consultados na Biblioteca Pública Pelotense, que tem o acervo praticamente completo. Entre os referenciais teóricos foram utilizados autores como Amaral (2003), Bastos (2007), Chartier (1991), Loner (2001), Luca (2005) e Woodward (2000).

Palavras-chave: História das Instituições Educativas; Asilo de Órfãs; periódicos; representações; imaginário social.

Introdução

A análise que privilegia a inserção da imprensa em pesquisas se apresenta como possibilidade potencial de fonte documental no campo da História da Educação. Até a década de 1970, esses documentos, por muitos historiadores, eram desconsiderados sob a alegação de não atenderem aos requisitos de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade. Isso em função da crença de que tais veículos de informação

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPEL). E-mail: jeanecal@yahoo.com.br

² Doutora em Educação; Pedagoga; Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material e Mestre em Memória Social pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Professora da Universidade Positivo (Curitiba). Membro de Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPEL). E-mail: jezuinaks@gmail.com

sofriam influência de grupos dominantes, além do jogo de interesses e discursos ideológicos (LUCA, 2005). Nas últimas décadas o uso dessa fonte em pesquisas históricas vem ganhando força e credibilidade. Assim, o uso de periódicos em pesquisas históricas passou a ser mais uma ferramenta para trabalhar com o passado.

Este texto apresenta e discute o uso de um jornal local inserido no estudo sobre o Asilo de Órfãos São Benedito, atual Instituto São Benedito, fundado no início do século XX em Pelotas, cidade localizada na região Sul do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, ressaltamos a importância das pesquisas em História da Educação regionalizar os estudos históricos, buscando compreender as singularidades locais e institucionais, desvelando a ação dessas instituições junto à comunidade, suas práticas e suas culturas escolares e, dessa forma, contribuindo com o conhecimento sobre a educação do município.

Para o presente estudo foram utilizados como fonte de pesquisa periódicos locais[,] como o jornal *A Opinião Pública* localizado no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense[,] e referenciais que deram embasamento teórico para a pesquisa, entre eles Amaral (2003), Bastos (2007), Chartier (1991), Loner (2001), Luca (2005) e Woodward (2000).

O uso de periódicos como fonte documental

Os impressos são fontes documentais importantes para a compreensão do processo histórico da educação nacional e local (CARVALHO; ARAÚJO, NETO, 2002). Segundo Amaral (2003, p. 43), o uso de jornais como fontes documentais possibilitam:

[...] uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos, e uma real aproximação dos discursos emitidos na época em relação ao projeto de sociedade, bem como às instituições sociais, e dentre elas, à escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de fazermos uma leitura crítica desses documentos, pois, assim como as demais fontes históricas, os periódicos foram produzidos por alguém, houve uma intencionalidade na sua produção para informar, divulgar, denunciar, “controlar” a sociedade, dentre outros interesses.

No que se refere ao uso dos jornais como fonte, Campos (2012, p. 66) enfatiza:

Trabalhar com jornais antigos para a escrita da história da educação significa compreendê-los, portanto, muito mais como *fragmentos verossímeis* da cultura de um tempo e de um espaço do que pensá-los como provas fidedignas do passado. Significa levar em conta além do já mencionado repertório cultural dos envolvidos na sua leitura/escrita, também os interesses econômicos e ideológicos envolvidos na sua edição. Significa reconhecer e problematizar o espaço gráfico dado para esta ou aquela crônica, propaganda, notícia ou artigo. Significa transformá-los também num *objeto* de pesquisa.

A autora utiliza o termo “imprensa não pedagógica” para se referir aos jornais antigos, mesmo reconhecendo que a imprensa é tanto um veículo educativo quanto um meio de ocupação da esfera pública.³ Para a autora,

Vive-se, na verdade, situação de legitimidade “emprestada” dos trabalhos consolidados em torno das revistas pedagógicas, estas sim, há muito validadas pelo campo. Destaca-se que tal validade incontestada das revistas, em contraposição à posição secundária ocupada pelos jornais, se deu em função tanto da qualidade e impacto dos trabalhos dos que as elegeram para análise, quanto pelo fato de que os que o fizeram trataram de assuntos e agentes claramente educacionais: os alunos, os professores, os diretores e supervisores; a circulação das ideias pedagógicas, as reformas de ensino, a atuação dos intelectuais da educação e suas respectivas redes de sociabilidade; as disciplinas, os livros, os currículos e as práticas autenticamente escolares (CAMPOS, 2012, p. 56).

Sob essa ótica, impressos, como as revistas têm um caráter mais pedagógico, por isso, a relativa valorização que vem sendo dada ao uso desses documentos como fontes nos estudos em História da Educação.

Todavia, acreditamos ser metodologicamente mais eficiente o uso do termo imprensa de educação e de ensino que, conforme Bastos (2007) possibilitam ao historiador avaliar a política das instituições, suas preocupações

³ Cabe, aqui, lembrar um possível estranhamento com o título “*No rastro dos velhos jornais: considerações da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação*” de autoria de Raquel Campos, publicado na Revista Brasileira de História da Educação, no ano de 2012. Será que os jornais não direcionados especificamente para os atores educativos deixam de ser “pedagógicos”? Pode-se distinguir uma “imprensa pedagógica” de uma “não pedagógica”? Acerca desta problemática, concordamos com Bastos (2007) quando destaca o uso do termo imprensa de educação e de ensino.

sociais, suas contradições, suas filiações ideológicas, bem como as práticas educativas e escolares. Para Bastos (2007, p. 167):

A imprensa de educação e de ensino é constituída de periódicos que, destinados em sua maioria aos professores, visam principalmente guiar sua prática cotidiana, oferecendo informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a conduta em classe e a didática das disciplinas [...] Jornais, boletins, revistas, magazines – feitas por professores para professores, feitas para alunos por seus pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igrejas – contém e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino.

O excerto da autora foi extraído de uma resenha na qual Bastos apresenta a definição “imprensa de educação e de ensino”. Sendo que, posteriormente, em outro texto em que a mesma escreve sobre a revista *Educação* da PUCRS, a autora usa a designação “imprensa pedagógica”. Assim, acreditamos que a conceitualização é a mesma, ambos se tratam de dispositivos com finalidades educativas, o que muda é a escolha dos termos (BASTOS; ERMEL; IBIAS, 2007).

O termo imprensa pedagógica é também utilizado por Kreutz (2008), ao pesquisar a imprensa pedagógica da imigração, em especial, dos imigrantes alemães que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e investiram intensamente na produção de livros didáticos destinados às escolas da imigração.

Para Pallares-Burke (1998) a imprensa se apresenta como uma modalidade informal de educação. Dentro das várias modalidades, a autora destaca os romances, jornais e revistas, que têm uma contribuição importante no processo educacional, pois tais impressos são transmissores de cultura, podendo dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.

Como podemos observar, a história dos periódicos está diretamente relacionada à história da imprensa. No Brasil, comparado com outros países da América Latina, a chegada da imprensa foi considerada relativamente tardia. Segundo Schwambach (2010, p. 46):

Somente com a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, assegurando a condição do Brasil como sede da monarquia, a imprensa vem se desenvolver oficialmente, ao lado de outras medidas, como por exemplo, a fundação do Banco do Brasil e a abertura dos portos. A imprensa oficial recebeu o nome de Imprensa Régia. Durante sua existência, promovia diversos

tipos de impressos, não prestando serviços apenas para o governo.

De acordo com dados levantados por Magalhães (1993), no Rio Grande do Sul, o primeiro jornal impresso foi o *Diário de Porto Alegre* no ano de 1827 e somente em 1851 a imprensa começou a ser propagada em Pelotas com o jornal *O Pelotense* fundado pelo tipógrafo Cândido Augusto de Mello. O primeiro jornal teve duração até 1855. Entre os anos de 1854 e 1868, houve a publicação do jornal *O Noticiador* fundado por José Luiz de Campos. Dos periódicos que surgiram em Pelotas nesse período, cabe destacar a revista *Araribá* de 1857, redigida por Francisco Antunes Gomes da Costa, futuro Barão de Arroio Grande. Ainda Magalhães (1993), embasado nos escritos de Carlos Reverbel,⁴ salienta que apesar da expansão da imprensa em Pelotas ser considerada tardia em relação à Porto Alegre, capital do estado, houve um aumento elevado quanto à quantidade de jornais e um aperfeiçoamento em qualidade o que fez com que a imprensa pelotense se equiparasse com a imprensa da capital.

A partir desse breve histórico, destacamos que para esta pesquisa, foram utilizados recortes do jornal pelotense *A Opinião Pública*. Conforme Loner, Gill e Magalhães (2012), o jornal *A Opinião Pública* foi apresentando como folha vespertina, republicana e “órgãos dos interesses gerais” que começou a circular em Pelotas no dia 5 de maio de 1896. Fundado como propriedade coletiva, em 1913 passou por mudanças de orientação editorial e qualidade gráfica, tornando-se um dos órgãos de imprensa mais interessante de Pelotas. Mesmo com as mudanças, já era um jornal tradicional da cidade, atraindo um grande público de leitores.

Destacamos que a fundação do jornal no final do século XIX, acompanhou a evolução da imprensa diária no país, pois na transição do século XIX para o XX, o Brasil tinha deixado de ser um país monárquico, escravista, estava avançando em alguns setores como indústria e educação. Sobre esse processo de aceleração relacionado à imprensa brasileira, Luca (2005, p. 137-138) ressalta que:

Os jornais diários profissionalizavam-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Os novos métodos de impressão permitiram expressivo aumento das tiragens, melhora da qualidade e barateamento dos exemplares, que atingiam regiões cada vez mais distantes graças ao avanço dos sistemas de transportes, que agilizavam o processo de

⁴ Para saber mais ver Reverbel (1981).

distribuição. Aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos novos grupos letrados. A estruturação e distribuição interna do conteúdo alteraram-se. Ao lado das reportagens, entrevistas e inquéritos, adensavam-se as seções dedicadas a assuntos policiais, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária.

Ao que tudo indica, o jornal pesquisado atingiu um grande público leitor, inclusive das camadas menos abastadas. Seus exemplares podem ser consultados hoje, assim como no passado, na Bibliotheca Pública Pelotense que possui em seu acervo praticamente todos os volumes do jornal *A Opinião Pública*. Salienta-se que o referido jornal teve sua circulação até 1962, foram 66 anos fazendo parte do dia a dia dos leitores de Pelotas e região.

Ressaltamos que o interesse da pesquisa nesse jornal está relacionado principalmente nos aspectos abordados ligados direta e indiretamente ao Asilo de Órfãs São Benedito, pois acreditamos que essa é mais uma forma de olharmos para o passado desta instituição. A partir da análise, foi possível evidenciar o quanto os sócios e beneméritos da instituição ganharam visibilidade através das reportagens do periódico, dando destaque a alguns representantes da elite pelotense ligados à entidade.

O Asilo de Órfãs São Benedito

As atividades no Asilo de Órfãs São Benedito tiveram início nos primeiros anos do século XX e foi considerada uma conquista da comunidade negra, tão rejeitada e discriminada, que—mesmo após a abolição da escravatura no país, ainda enfrentava diversas dificuldades. Problemas como a falta de oportunidades de emprego, a inexistência de inclusão social, a impossibilidade de habitar próximo ao centro da cidade, o relativo desinteresse com a educação, entre outros fatores, que pelo processo de exclusão da comunidade negra resultava também no aumentando de crianças negras abandonadas ou em situação de miséria.

Além disso, outra razão que ampliava o número de negros e pardos infantis sem assistência na cidade de Pelotas era, segundo os estudos de Vanti (2004) e Loner (2001), que no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o asilo para meninas Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição⁵

⁵ Fundado em Pelotas no ano de 1855 por membros da sociedade pelotense, tendo como

não estava acolhendo meninas de pais desconhecidos. Para as meninas serem aceitas era necessária a existência de padrinhos, impedimento que perduraria até a primeira década do século XX, portando, a instituição não acolhia órfãs negras.

Com o intuito de atender o público excluído pelas normas impostas pelo Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição, foi fundado no ano de 1901, o Asilo de Órfãs São Benedito, atual Instituto São Benedito, com o objetivo de amparar e instruir meninas pobres desvalidas, em sua maioria órfãs, enjeitadas, expostas negras. Todavia, vale destacar que no primeiro estatuto em 1902 a instituição aceitava meninas sem distinção de cor.

A iniciativa de fundar um asilo para meninas sem distinção de cor partiu de Luciana Lealdina de Araújo. “Mãe Preta”, como era conhecida carinhosamente. Filha de escrava nasceu em Porto Alegre no dia 13 de junho de 1870 e mudou-se para Pelotas no ano de 1900. De acordo com os jornais da época, era uma mulher dotada de bondade e extrema determinação, com vontade de praticar o bem e fazer caridade junto aos mais necessitados, principalmente às crianças abandonadas.⁶

É importante salientar que expressões como gentil, bondosa e de extrema determinação eram qualidades comumente encontradas nas páginas dos jornais pelotenses ao se referirem à Luciana. Os muitos elogios destacados nessas fontes colaboram para a formação de representações e de imaginário social em torno dessa personagem.

Nesse sentido ressaltamos o conceito de imaginário social, onde Baczko (1985) afirma que o imaginário transita através dos sistemas simbólicos que são constituídos a partir da experiência dos agentes sociais, seus desejos e suas motivações. Esse conceito é elaborado a partir da coletividade, sendo uma força reguladora da vida comunitária, fortalecendo identidades, elaborando representações e estabelecendo papéis sociais. O imaginário social impõe crenças e constrói modelos de comportamento, interpretando a realidade. É através dos seus imaginários que uma sociedade estabelece sua identidade,

principais colaboradores membros da Maçonaria. Um de seus principais objetivos era transformar essas meninas órfãs em cidadãs disciplinadas, responsáveis, úteis e aptas para a vida doméstica (MACIEL, 2004).

⁶ Isso fica evidente nos jornais da época, nos escritos de Nelson Nobre Magalhães e nos relatos daqueles que atuam na instituição, que através da tradição oral, já que “remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos (MEIHY, 1998, p. 53).

designadamente através de modelos formadores da personalidade como os de “bom homem”, “boa mãe” entre outros (BACZKO, 1985, p.311).

De acordo com Caldeira (2014), Luciana foi vítima de tuberculose quando jovem, devido ao clima frio e úmido característico da cidade. A doença agravou-se e ela foi desenganada pelos médicos. Pela gravidade da situação em que se encontrava, ela fez uma promessa ao seu santo de devoção, São Benedito,⁷ que se caso ficasse curada ajudaria a construir uma casa para abrigar meninas pobres.

Após sua cura, no dia 6 de fevereiro de 1901, em uma reunião pública foi fundada a instituição e no dia 13 de maio do mesmo ano, foi oficialmente inaugurado o Asilo de Órfãs São Benedito. Pergunta: A escolha da data, 13 de maio, tem alguma relação com o dia da abolição da escravatura? Luciana atuou no asilo durante 7 anos. Em 1908 mudou-se para a cidade de Bagé, juntamente com suas três filhas de criação Alice, Avelina e Julieta. No ano de 1909, fundou o Orfanato São Benedito nesta mesma cidade. Porém, essa nova instituição abrigava meninos e meninas.⁸

Ainda na cidade de Bagé, em 1922, a fundadora do asilo passou a dirigir uma creche para crianças pobres, tendo permanecido até 1930, ano de sua morte. Luciana faleceu e foi sepultada na cidade de Bagé em 27 de novembro de 1930, aos 60 anos, deixando uma herança de feitos, amor e caridade pelas crianças desvalidas de Pelotas e Bagé.

Até 1912, o Asilo de Órfãs foi administrado por uma diretoria leiga formada por membros da comunidade negra de Pelotas. O ensino primário e os ensinamentos domésticos eram ministrados por um grupo de senhoras negras voluntárias. No dia 25 de setembro do mesmo ano, a diretoria da época entregou os serviços assistenciais da entidade à Congregação do Puríssimo, atual Imaculado Coração de Maria, que ficou encarregada de desenvolver o ensino primário e as orientações dos serviços domésticos.

Nos primeiros 50 anos da instituição houve muitas mudanças como a fundação do Colégio Particular Santa Inês (também denominado Externato) em 1917, a organização de um internato para meninas pensionista, no ano de

⁷ Santo da Igreja Católica Apostólica Romana, nascido na Sicília, sul da Itália no século XVI, filho de escravos vindos da Etiópia, tornou-se irmão da Ordem dos Franciscanos. Foi canonizado em 1807 e atualmente é dos santos mais populares, principalmente por aqueles de origem africana por ser considerado o Santo protetor dos negros.

⁸ Sobre Luciana Lealdina de Araújo, ver *Dicionário escolar afro-brasileiro* (2006) e o livro *Mulheres negras do Brasil* (2007).

1930, a instalação do Colégio São Benedito, no dia 13 de maio de 1937 e a municipalização das aulas da instituição.

Em 2 de dezembro de 1951, em Assembleia Geral extraordinária, foi decidida a troca do nome da instituição, de Asilo São Benedito para Instituto São Benedito. A mudança da designação tentou elevar a autoestima das internas que tinham suas vidas marcadas pelo descaso, abandono e miséria na esperança de que elas fossem representadas para a sociedade de outra forma, não mais órfãs, meninas desvalidas desprovidas da sorte, mas sim meninas que tinham no Instituto um caminho para ascensão social.

De acordo com Negrão (2004, p.84) temos a seguinte definição para o termo asilo:

Como o termo asilo, pelo grego *ásylos* e pelo latim *asylum*, por via erudita, significava casa de assistência social onde eram recolhidas, para sustento ou educação, pessoas desamparadas, mendigos, crianças abandonadas, órfãos e velhos. Certamente, essa mesclagem gerava um mal-estar as órfãs, abrigadas em igualdade de condições aos demais.

Nesse sentido percebemos a força da palavra asilo e como essa poderia ter uma conotação negativa para as meninas do instituto, bem como para a sociedade pelotense, que há muito já havia construído seu imaginário em torno da instituição.

No ano de 1960, com o objetivo de promover a integração das meninas com seus familiares, foi possibilitado que, aos poucos, estas fossem passar os finais de semana com suas famílias. Entre os anos de 1969 e 1979, foi criada na entidade a modalidade de semi-internato. Nesses dez anos desde a criação da nova modalidade, foram registradas 25 internas e 100 semi-internas. Do ano de fundação até 1968, o Instituto acolheu aproximadamente 225 internas.⁹

A função desempenhada pelo asilo foi fundamental na vida das meninas carentes, pois durante muitos anos, especialmente no tempo em que a entidade tinha a modalidade de internato, a obra assumiu ao mesmo tempo o papel da família, escola, Igreja e da sociedade que tem responsabilidade em

⁹ Dados encontrados nos escritos de Nelson Nobre Magalhães, que foi poeta, pesquisador, historiador e idealizador do projeto *Pelotas Memória* e que tinha por objetivo recuperar e conservar fontes e documentos que remetessem à história da cidade de Pelotas.

ajudar no bem-estar daqueles que mais necessitam.

As representações através dos jornais locais

Para analisarmos as representações sobre o Asilo de Órfãs encontradas nos jornais, faz-se necessário conceituarmos representação. Para Chartier a representação, “seria o processo de produção de sentidos efetivado a partir do conhecimento, da visão de mundo que o sujeito adquiriu em sua vivência” (CHARTIER, 1991, p.27). Desta maneira, a representação produz sentidos, tal como no caso dos discursos. Por sua vez, os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Segundo Woodward, as representações incluem sistemas simbólicos e práticas de significação onde os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. Damos sentido às nossas experiências através desses significados produzidos por elas. “A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas”, “os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p.17).

A partir da investigação histórica do Asilo de Órfãs São Benedito, foram encontrados alguns recortes de jornal local. O que nos levou a análise do jornal *A Opinião Pública*. Após as primeiras leituras podemos perceber o quanto elite pelotense¹⁰ foi destacada pelas práticas de filantropia e caridade.¹¹ As

¹⁰ A elite pelotense é definida por Oliveira (2012, p. 19-20), mais do que uma classe social, mas um grupo de *status*. Segundo a autora, no século XIX, com a economia do charque, os aspectos econômicos eram mais evidentes que os simbólicos. Contudo, esses se tornaram cada vez mais acentuados como elementos de distinção da elite local, tanto em relação aos outros grupos sociais, como em relação às classes análogas de outras localidades [...]. Ao levar em consideração esses elementos, percebe-se que a elite pelotense não se baseava apenas nos fatores econômicos, ao constituir-se como classe, mas se tratava de um grupo de *status*, cujos hábitos e costumes a caracterizava melhor do que suas posses [...]. Uma das práticas mais evidentes da diferenciação pretendida pelo grupo de *status* a que se optou por denominar elite pelotense é o seu lazer ostentatório, o qual define a sua posição em relação aos outros grupos. Os seus costumes, tradições, divertimentos e cultura se constituem em elementos de ordem simbólica, os quais tinham por objetivo demarcar a sua posição na estrutura social. Sendo assim, ao mencionar-se essa denominação, fica claro de que se trata mais do que uma classe, mas de um grupo de *status* que via na cultura, na educação e no refinamento, elementos fundamentais para a sua distinção na trama social.

¹¹ Em algumas situações, os conceitos de caridade e de filantropia são tratados como sinônimos, mas ressalta-se que existe uma diferenciação entre elas. A caridade pode ser

reportagens sobre o Asilo estão acompanhadas por inúmeros nomes de pessoas que colaboraram de forma voluntária, dando visibilidade a estes colaboradores. Nesse sentido é que Negrão (2004, p. 48) tece comentários sobre a intencionalidade de tais práticas:

Variados segmentos sociais irmanaram-se em torno da dimensão filantrópica, em especial a Igreja, a oligarquia, a imprensa e o Governo Municipal estiveram lado a lado, seja pela fé, cuja caridade garantia o céu, seja pelo prestígio pessoal que eternizava os nomes que engrossavam as fileiras das benemerências, seja pela projeção política de lutar pelo compromisso público de assistência aos menos favorecidos.

A autora ainda afirma que no caso de seu estudo, grandes doações e lances em leilões eram feitos pela elite em prol do Asilo de Órfãs de Campinas, o que gerava diferentes representações a respeito da caridade cristã e do poder econômico, que possuíam um poder simbólico que elevava o *status* de homens ricos e poderosos. Ressalta-se que tal situação era semelhante à observada no presente estudo, conforme é demonstrado a seguir em uma notícia a respeito do Asilo de Órfãs São Benedito:

Decorreu magnífica a festa proporcionada as recolhidas do Asilo de Órfãs São Benedito. As 9 horas, repleta a capela de exmas, famílias, foi celebrada a missa festiva. No côro as recolhidas, sob a regência da professora d. Leonilda B. de Tolla, entoaram belos cânticos. Vocalizaram a Ave-Maria a senhorita Maria Bandeira e o saluris, a exma. sra. d. Sulei Lund Azevedo [...]. No salão de honra, onde se erguia a Arvore de Natal, doada pela sra. d. *Luíza Behrendorf Maciel* e artisticamente ornamentada pelo casal *Luiz Schuch*, deu-se a distribuição de brinquedos e objetos úteis a's recolhidas, ocasião em que proferiu expressivas palavras o sr. *Domingos de Souza Moreira*, presidente do instituto. A entrega dos prêmios *Francisco Behrendorf*, *Antônio J. Santos Junior*, *Haidée Bordagorry de Assumpção*, *Madre Inilda*, *Julia Franqueira Moreira*, *Dr. Idefonso Simões Lopes*, que couberam respectivamente, às meninas Ninfa Paes da Silva, Esmeralda Antunes, Angela Rodrigues, Catarina Fernandes, Laura Satt, e Eliete Mendonça, decorre por entre aplausos da assistencia. O premio *Dilermando Araújo*, constante do certificado de datilografia da Escola Mista de datilografia, gentilmente oferecido pela sra. Adalgisa Barcelos Araujo, coube às meninas Laura Satt, Ninfa Paes da silva, Lisete Mendonça e Catarina Fernandes [...] (A OPINIÃO PÚBLICA, 26/12/1946, grifos nosso).

definida como uma forma de assistência religiosa e a filantropia como ação humanitária laica amparada nas ciências como medicina, psiquiatria, direito e pedagogia (RIZZINI, 1990; RIZZINI, 2011).

Muitos nomes são de conhecidos filantropos, membros da elite pelotense que em alguns casos tem seu retrato exposto no salão de honra da instituição, como do Sr. Francisco Behrensdorf. Outros nomes citados são de pelotenses ilustres na época, como o do Deputado Ildefonso Simões Lopes que teve seu nome marcado no cenário político nacional.¹² Os prêmios que carregam os nomes de colaboradores da instituição é uma forma de homenagear e lembrar-se de quem partiu. Também servem de incentivo às famílias dos homenageados, que através de outras gerações, dão continuidade aos trabalhos filantrópicos na Instituição.

Através das reportagens analisadas, percebemos que a educação destinada às meninas desvalidas surtiu efeitos positivos no encaminhamento social e era bem vista pela sociedade. Em 1947, durante a época natalina a visita do Papai Noel na Instituição, o jornal *A Opinião Pública* redigiu uma matéria relatando a visita.

Difícil descrever a alegria e entusiasmo como foi recebido. Impressionou a educação esmerada que lhes é imprimida naquele estabelecimento pio, a disciplina que demonstraram e sobretudo *a sua grande fé no Papai Noel*. Moran ali construindo um lar alegre, centenas de meninas que estão sendo devidamente educadas e que mais tarde, quem sabe se tornarão ótimas esposas preparadas que estão sendo dentro dos mais rígidos princípios de virtude e cristiandade. Umas pequeninas ainda, mal sabem compreender as responsabilidades que o futuro lhes reserva, pensando apenas nos brinquedos e alegrias própria da idade. Outras já maiores, cuidam conscientemente das menores, ensaiando talvez seus primeiros passos quando estão em seus novos lares irão cuidar de seus filhinhos queridos (A OPINIÃO PÚBLICA, 23/12/1947, grifos nosso).

¹² Ildefonso Simões Lopes (1866-1943) nasceu na cidade de Pelotas, filho dos viscondes da Graça - o coronel João Simões Lopes Filho, estancieiro, presidente da província do Rio Grande do Sul em 1871, e Zeferina Antônia da Luz Simões Lopes, sua segunda esposa. Foi um dos fundadores do Clube Abolicionista RioGrandense e, no dia 13 de maio de 1888, participou da organização de uma homenagem cívica à assinatura da Lei Áurea. Filiou-se ao Partido Republicano RioGrandense (PRR), então presidido por Júlio de Castilhos, e em 1897 foi eleito deputado à Câmara estadual. Reeito sucessivamente até 1904. Nas eleições de 1906, conquistou uma cadeira de deputado federal. Assumindo o mandato na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, destacou-se na bancada gaúcha por sua participação nas comissões de Agricultura e de Viação e Obras Públicas. Entre outros cargos políticos, destacamos o de ministro da Agricultura, Indústria e Comércio (1919-1922), no governo de Epitácio Pessoa (MOREIRA, 1984).

Destacamos que “ter fé no Papai Noel”, é um discurso que cabe àquele período. Dito isso nos dias atuais, pode ser considerado pouco correto, uma vez que o Natal representa para os cristãos, no caso do Instituto São Benedito cristãos católicos, uma data para celebrar o nascimento de Jesus Cristo e não para exaltar e enaltecer a figura do Papai Noel.

Também percebemos através da descrição do jornal, que a reportagem confirma os principais objetivos da educação de meninas: serem boas mães e donas de casa prestativas. O que, de fato, cumpria com o papel social esperado das mulheres de meados do século XX. De acordo com Rocha-Coutinho (1994), havia certa “naturalização” do papel da mulher na sociedade, o que demarcou algumas características femininas desejáveis como: a dedicação, abnegação e a docilidade. Vinculando o papel da mulher ao de boa mãe e esposa dedicada.

Claro que, além disso, não se pode desconsiderar que estas meninas, eram educadas para o trabalho. Neste caso, para serem boas empregadas domésticas, atividade profissional considerada “digna” para as oriundas de grupos sociais menos favorecidos.

Conforme o jornal, disciplina, educação adequada e educação religiosa são aspectos fundamentais para as desvalidas se tornarem ótimas esposas e serem capazes de cuidar bem dos filhos que virão futuramente, tais qualidades também serão fundamentais na aceitação das pessoas de mais posse para empregarem as meninas como domésticas em suas residências.

Considerações finais

Através dos recortes dos jornais que foram analisados, compactua-se com a ideia de Certeau (2008, p. 76), ao afirmar que “antes de saber o que a história *disse* de uma sociedade, é necessário saber como *funciona* dentro dela”. Sendo assim, as fontes servem para o entendimento da forma com que as meninas desvalidas eram acolhidas, instruídas e inseridas na sociedade. Para Jenkins (2004, p. 35), as fontes não obedecem a uma única interpretação. Conforme o historiador mude o olhar, desloque a perspectiva, novas interpretações surgirão, pois as fontes carregam a história e memória institucional, produzidas em um determinado tempo e espaço.

Novas interpretações foi o que nos guiou a essa pesquisa. A partir desse mundo narrado nos textos do jornal *A Opinião Pública*, encontramos não só notícias sobre o Asilo de Órfãs São Benedito, mas um conjunto de representações sociais que foram construídas tanto em torna dessa instituição,

quanto no que diz respeito aos membros da sociedade pelotense, que por sua “benevolência”, colaboravam com a manutenção deste espaço que se tornou tão importante para gerações de meninas negras e brancas que por ali passaram.

Conforme afirma Chartier (1991), as práticas sociais são produzidas pelas representações onde determinados grupos vão dando sentido ao mundo. Para ele, as representações são a *trama da vida social*, constituindo fenômenos reais com propriedades distintas.

No caso dos textos jornalísticos utilizados como fonte nesse trabalho, personagens da Pelotas são representados e enaltecidos através do poder pela leitura dos jornais locais que os colocavam em lugar de destaque no cenário regional. Esses personagens e os acontecimentos ligados a eles, passam a ser evocados, e dessa forma alimentam o imaginário da cidade. Cabe ao pesquisador analisar a intencionalidade do autor ao escrever a obra em estudo. Para os diferentes mundos imaginários que coabitam esses textos existe apenas um mundo histórico, o confronto do texto com as fontes dá ao pesquisador a possibilidade de interpretar e “ler” a intencionalidade de quem o escreveu.

Por último, reforçamos a ideia de que impressos publicados em determinada periodicidade, como os jornais, são potenciais documentos que oferecem subsídios para as pesquisas no campo da História da Educação. Os periódicos estão carregados de vestígios do passado, podendo ser o principal instrumento de trabalho do historiador que, dentro das suas limitações e possibilidades de múltiplas interpretações, recorrerá a estes documentos na intenção de recuperar fragmentos do passado.

Referências

A OPINIÃO PÚBLICA. Jornal. Pelotas, exemplares de 23/12/1946 e 26/12/1947.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas:** desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). 2003. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. In: **Revista Brasileira de Educação,** ANPED, v. 12, n. 34, p. 166-168, jan./abr. 2007. 216

_____; ERMEL, Tatiane de Freitas; IBIAS, Maria Helena M. Furlan. A revista Educação da PUCRS (1978-2007): uma análise da trajetória editorial. In: **Educação,** Porto Alegre, ano XXX, n. especial, 129-153, out. 2007.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. **Mulheres negras do Brasil.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **O Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX):** trajetória educativa- institucional. 2014. 249f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade federal de Pelotas – UFPEL, pelotas, RS, 2014.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro dos velhos jornais: considerações da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação,** Campinas, v. 12, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012.

CARVALHO, Carlos Henrique, ARAÚJO, José Carlos Souza, GONÇALVES, Wenceslau Netto. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia- MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI, Décio Júnior (Orgs.). **Novos temas em História da Educação Brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, Autores Associados, 2002, p. 67-90.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estudos avançados 11 (5), 1991.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KREUTZ, Lúcio. Livros escolares e imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Brasil, 1870-1939. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 31, n. 17, p. 24-52, jan./abr. 2008.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (188-1930)**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2001.

_____; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. **Dicionário de História de Pelotas**. 2. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-Brasileiro**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MACIEL, Patrícia Daniela. Formação das meninas órfãs e da elite pelotense no século XIX: similaridades e/ou diferenciações? In: ASPHE - ENCONTRO SUL-RIOGRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **ASPHE – História da cultura escolar: escritas e memórias ordinárias**. Gramado: Seiva, 2004. p. 293-300.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel – Livraria Mundial, 1993.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas, Fascículo IX/1991, p. 4-5.

_____. **Pelotas Memória**: Instituto São Benedito. Ano 8, n. 4. 1997.

MOREIRA, R. da L. Ildefonso Simões Lopes. ABREU, A. A. (Orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós**, v. 2, 1930.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Infância, educação e direitos sociais: Asilo de Órfãs (1870-1960)**. Campinas: UNICAMP/CMU, 2004.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910 -1930)**: imagens e imprensa. 2012. 403f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS,

2012.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 104, p. 144-161, jul. 1998.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional** – vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIZZINI, Irma. A assistência à infância na passagem para o século XX: da repressão à reeducação. In: **Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 77-94, mar./maio 1990.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHVAMBACH, Janaina. **Memória visual da cidade de Pelotas nas fotografias impressas no jornal A Alvorada e no Almanaque de Pelotas (1931 – 1935)**. 2010. 180f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós-Graduação Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas, RS, 2010.

WOODWARD. Katherine. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

VANTI, Elisa dos Santos. **Lições de infância**: reflexões sobre a História da Educação Infantil. Pelotas: Seiva Publicações, 2004.

ABSTRACT: This article aims to analyze, from the representations found in the newspapers, some aspects of the history of the asilod e Órfãs São Benedito founded in 1901, in the city of Pelotas / RS. The asylum was intended to welcome and protect the misery, give primary and religious instruction to the region's underprivileged girls. For the study of the representations around this institution, a series of reports of the local newspaper The Public Opinion was founded, founded in 1896, with circulation until 1962. It seems that the newspaper surveyed reached a large readership, including the popular Pelotenses . Their copies can be consulted in the Bibliotheca Pública Pelotense, which has the collection almost complete. Among the theoretical references were authors such as Amaral (2003), Bastos (2007), Chartier (1991), Loner (2001), Luca (2005) and Woodward (2000).

Keywords: History of Educational Institutions; Asylum of Orphans; newspapers; representations; social imaginary.
